



SONHAR O MUNDO

Direitos Humanos nos Museus



DOCUMENTO DE ORIENTAÇÃO
ANTIRRACISMO EM MUSEUS

SONHAR O MUNDO

Direitos Humanos nos Museus



FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Tarcísio de Freitas
Governador

Felício Ramuth
Vice-Governador

Marília Marton
Secretária de Cultura e Economia
Criativa

Marcelo Henrique de Assis
Secretário Executivo da Cultura,
Economia e Indústria Criativas

Daniel Scheiblich Rodrigues
Chefe de Gabinete da Cultura, Economia
e Indústria Criativas

Vanessa Costa Ribeiro
Coordenadora da Unidade de
Preservação do Patrimônio Museológico

Denise dos Santos Parreira
Diretora do Núcleo de Apoio
Administrativo

Kelly Rizzo Toledo Cunegundes
Diretora do Grupo de Preservação do
Patrimônio Museológico

SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS – SISEM-SP

Renata Cittadin
Diretora do Grupo Técnico de
Coordenação

Sofia Gonçalves
Assessora Técnica

Willian Pacini
Estagiário

ACAM PORTINARI - ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

Paulo Augusto Coelho de Souza
Presidente do Conselho Administrativo

Angelica Fabbri
Diretora Executiva

Luiz Antonio Bergamo
Diretor Administrativo Financeiro

Joselaine Mendes Tojo
Coordenadora de Ações de Apoio
ao SISEM-SP

Agatha Souza da Silva
Ana Carolina Xavier Ávila
Daniela Torres Lima
Michael Lopes Argento
Assistentes de Ações Técnicas
ao SISEM-SP

DOCUMENTO DE ORIENTAÇÃO: ANTIRRACISMO EM MUSEUS

Renata Cittadin
Sofia Gonçalves
Organização

Daniela Torres Lima
Suporte Técnico

Leonardo Toshio Furukawa
Designer Gráfico

Suzy da Silva Santos
Carolina Rocha Teixeira
Autoras

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

09 PROVOCAÇÕES INTRODUTÓRIAS

13 MUSEUS E ANTIRRACISMO: PROPOSTAS E RESULTADOS DAS CONFLUÊNCIAS


17 MUSEUS E RACISMO INSTITUCIONAL

21 ORIENTAÇÃO TÉCNICA

37 SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



APRESENTAÇÃO



Representatividade é também sobre ter voz e fazer essa voz ser ouvida; ter imagem e essa imagem ser exibida, ter história e essa história ser contada. Não pelo outro e para o outro, mas por si e para os seus (também).”

Marcelle Vieira do Nascimento

2021

A Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas (SEC) e a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM), por meio do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP), desenvolvem o Programa de Direitos Humanos nos Museus com o propósito de mobilizar os museus a pensarem sobre seu papel na garantia e não violação de direitos.

O programa tem como seus produtos a realização de oficinas de mobilização temática, a publicação de um guia de orientação e a realização de uma campanha em que a programação tem participação dos museus de todo território paulista para celebrar o Dia Internacional dos Direitos Humanos, 10 de dezembro.

O ciclo do programa em 2023 abordou o **Antirracismo em Museus**. Realizado entre os meses de julho e outubro de 2023, o ciclo contou com a participação de mais de 200 pessoas em ações virtuais e presenciais, com o objetivo de sensibilizar gestores e trabalhadores de museus para a promoção de ações que possam interromper a perpetuação dos traços colonizadores, racistas e patriarcais herdados pelos museus.

A definição do tema da racialidade é fruto da sequência de ações, reflexões transversais e proposições que iniciaram no 11º Encontro Paulista de Museus (EPM). Discutir antirracismo no contexto museal é mais que importante, é necessário, considerando que as instituições museológicas são também uma das responsáveis pela construção e perpetuação do racismo em nossa sociedade.

Práticas dialógicas, corporais e intelectuais são aqui entendidas como saberes sem hierarquização e

distinção. Por meio deles é possível aguçar os sentidos para a percepção do racismo nas ações cotidianas e introjetar o antirracismo enquanto ação intrínseca aos processos museológicos. Ultrapassando as barreiras institucionais, é possível também reverberar na vida dos seres sociais que trabalham ou frequentam os museus, de modo que o antirracismo não seja um tema efêmero evocado apenas durante o mês de abril ou novembro, em referência às principais celebrações dos movimentos sociais, o Dia dos Povos Indígenas¹ e Dia da Consciência Negra.

Importante sinalizar a presença de outras diversidades e povos racializados no contexto brasileiro, não apenas indígenas (povos originários do território brasileiro) e negros (pretos e pardos - povos da diáspora africana), como as populações amarelas e outras não-brancas de origem asiática, ou mesmo indígenas de outros países da América Latina. Deste modo, há muito o que se estudar, dialogar e refletir sobre os inúmeros marcadores sociorraciais da diferença e a importância de sua desconstrução. No contexto dos museus, isto pode acontecer por meio de processos de descolonização institucional, considerando outros repertórios, realidades, conhecimentos, sujeitos e patrimônios.

Assim, compartilhamos o presente guia que tem o intento de apresentar essas perspectivas, fornecendo subsídios teóricos, técnicos e legais às instituições e aos profissionais no Estado de São Paulo para que as diferenças relacionadas às questões étnicas e raciais deixem de ser consideradas sinônimos de desigualdades, e os museus se

1 - Criado em 1943 como Dia do Índio, cuja terminologia foi atualizada em 2022.

apresentem como mais um espaço possível de reparação dos direitos humanos das maiorias silenciadas.

O **Documento de Orientação Antirracismo em Museus** está organizado em três partes. Na primeira parte apresentam-se algumas provocações introdutórias e o resumo do que foi o ciclo formativo “Museus e Antirracismo”, seus objetivos e organização, além de relato da experiência das organizadoras. São apresentados elementos técnicos e conceituais que culminaram na nota técnica, e a discussão de como o racismo institucional está presente nos museus. Na segunda parte são apresentadas diretrizes que fornecem uma base sólida para a implementação de ações, programas e políticas para a promoção da diversidade e inclusão étnica e racial nos museus. Essas diretrizes abrangem uma variedade de aspectos elencados a partir dos diálogos das formações presenciais. Por fim, a terceira parte constitui-se por um levantamento de referências bibliográficas, jornalísticas, artísticas, literárias, entre outras, com abordagens diversas e interseccionais sobre a questão racial.

Espera-se que este documento possa ser um ponto de partida e um legado *suleador*² de mudanças perceptíveis nas ações de pesquisa, preservação, educação, comunicação e difusão nos museus.

2 - *SULear* é uma terminologia que problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo *NORTear* (norte: acima, superior; sul: abaixo, inferior), refletindo como as percepções do sul global podem contrariar a ótica e lógica eurocêntrica dominante que apresenta o norte como referência universal. (CAMPOS, 1999)



PROVOCAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Os museus foram uma das principais instituições criadas no contexto colonial brasileiro³, responsáveis pela reunião, classificação e estudo de algumas tipologias de coleções: exemplares minerais, vegetais (flora) e animais (fauna)⁴, relacionadas ao espaço que se tornou o território brasileiro; objetos que permeavam as relações sociais de seus habitantes originários e expressavam seus hábitos, costumes e culturas⁵; imagens pictográficas construídas em contexto colonial por pesquisadores (cientistas), naturalistas e artistas, que contribuíram para a construção de uma cultura visual classificatória do “outro”, enquanto sujeito a ser observado e analisado; entre outras. Estes acervos contribuíram para a hierarquização e racialização de povos, com base em argumentos supostamente científicos. Era uma “ciência” permeada de racismo, construída como instrumento para a legitimação do poder de um grupo social (colonizadores) sobre outros (colonizados: povos originários e povos africanos).

Os museus, criados e geridos por representantes dessas elites colonizadoras, organizavam o acervo com base no sistema classificatório criado pelo botânico, zoólogo e médico sueco Carl von Linné. O discurso supostamente científico passa também a utilizar este sistema para a classificação e hierarquização de seres humanos, agregados pelo conceito de darwinismo social⁶.

Este contexto contribui fundamentalmente para a construção e disseminação da noção de raça “como conceito demarcador fundante da sociedade brasileira, entendida como “instituição de poder e classificação de

indivíduos, baseada na cultura/etnicidade (SANTOS, 2020).

Além da escravização, observação, expropriação, apropriação de corpos racializados para o uso de sua força (energia vital) para a construção da riqueza das elites colonizadoras, a objetificação e classificação de seus corpos serviu como argumento aos processos de submissão e fomento às teorias raciais. Foram atribuídos valores negativos às características dos corpos: cabelo, traços, cor da pele etc.

A este contexto, soma-se também o Zoohumano, “fenômeno de massa que animalizava os povos não europeus a partir de espetáculos ou apenas para a observação de um cotidiano forjado, que compuseram as Exposições Universais utilizadas pelas potências coloniais do século XIX para demonstrar seu poderio, justificar a ação colonizadora e o empreendedorismo que acreditavam (ou não) messiânico” (SANTOS, 2017). As exposições universais eram uma atração turística e a última edição conhecida ocorreu na Bélgica no ano de 1958.

Os acervos museológicos contribuem, deste modo, para a construção de uma mentalidade racista por meio de discursos imagéticos e textuais. Estas imagens, objetos e textos reforçam os determinismos sociais baseados na noção de raça, embora esta terminologia raramente apareça nos textos expográficos e publicações museológicas.

O uso de imagens de poder e prestígio que excluem representantes de grupos sociais racializados e minorizados (majoritariamente, mas não

3 - Sob ocupação e domínio português (1500 a 1822).

4 - Que formaram o eixo 'Naturalia', das futuras coleções museológicas, inicialmente reunidas nos chamados “Gabinetes de Curiosidades, de História Natural ou das Maravilhas”.

5 - Que formaram o eixo 'Artificialia' (objetos produzidos pelos seres humanos), das futuras coleções museológicas.

6 - Distorção e aplicação das ideias sobre seleção natural das espécies, do naturalista, geólogo e biólogo britânico Charles Darwin, a questões relativas à origem e à variabilidade morfológica humana.

exclusivamente, povos indígenas e negros - africanos e afro-descendentes; pretos e pardos⁷) ou colocam essas pessoas em situação de desprestígio e/ou submissão, contribui desde o século XIX para a construção do desejo do branqueamento, considerando ainda os discursos e políticas eugenistas disseminados em contexto brasileiro e internacional.

A origem africana, indígena e mestiça da população brasileira era considerada um problema a ser enfrentado pelas elites e autoridades locais. A eugenia era compreendida pela elite local como símbolo de modernidade cultural - associada às noções de evolução, progresso e civilização. Entendia-se que a eugenia poderia contribuir para “regenerar” a população nacional dos estereótipos negativos e deterministas construído pelos cientistas e viajantes estrangeiros, relacionadas à “suposta instabilidade racial dos brasileiros” (SOUZA, 2009).

Na prática, havia um desejo de homogeneizar a ‘raça nacional’, por meio de um processo de branqueamento da população, a partir do controle das políticas imigratórias e de incentivos ao processo de miscigenação.

Embora a “abolição [da escravatura] tenha sido uma etapa prevista no processo capitalista de desmontagem da estrutura colonial” (SODRÉ, 2023), não cabe mais a ingenuidade de desconsiderar a dimensão simbólica do racismo operacionalizada pelos museus. Seus acervos de diferentes tipologias (históricos, artísticos, etnográficos, zoológicos, de ciência e tecnologia etc.) contribuíram para fundamentar e justificar a cobiça colonizadora, o domínio de territórios,

culturas e recursos e a imposição de valores individualistas, patriarcais e de uma cultura hegemônica e homogeneizante, a partir da atuação de perfil pedagógico e “civilizatório” dos museus.

Por fim, há ainda a importância do afeto na dimensão simbólica do racismo e a ação determinante da igreja na racialização e minorização de grupos sociais de origem indígena e africana. A imposição da fé cristã promove rupturas que abalam toda a estrutura social e psíquica destes povos. O controle dos corpos, afetados pela violência física e psicológica ante qualquer expressão da relação com a ancestralidade e com sacralidades diversas, é nítido ainda na contemporaneidade. Por exemplo, quando públicos de museus são provocados por acervos museológicos relacionados às religiões de matriz africana ou signos que destoam dos símbolos da cristandade. Por um lado, a expressão do incômodo e do medo daquilo que se tornou desconhecido ao longo das gerações, mas que impacta e desperta rejeição e/ou curiosidade. Por outro, a expressão dos processos de cura a partir de reconexões com a ancestralidade e/ou com o sagrado, decorrentes de cura[dorias] sensíveis e afetuosas, com propósitos e intenções de conectar mundos, reforçar as possibilidades de coexistência de forma respeitosa e a necessidade de responsabilização e reparação, num processo de despertar do “coma colonial⁸”.

Há algumas décadas os movimentos negro e indígena vêm reiterando a importância de se descolonizar as instituições brasileiras, e realizando pressões para a implementação de políticas públicas reparatórias e/ou

7 - Observa-se as estratégias de herança colonial de branqueamento das pessoas negras de pele clara (classificadas como pardas pelo IBGE, sem desconsiderar não brancas de outras origens), que dividem e incentivam as pessoas negras a disputarem pequenos privilégios.

8 - Em referência à obra artística de Gustavo Caboco e sua mãe, Lucilene Wapichana.

justas. Alguns exemplos são as cotas sociais e raciais e a implantação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que instituem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena pelas instituições de ensino brasileiras.

Os museus, embora também compreendidos como instituições de cunho educacional, se mantiveram alheios e se isentaram dessas discussões. Por muito tempo não consideraram a implantação de políticas afirmativas e reparatórias em seus contextos, embora algumas instituições, especialmente aquelas com acervos de cunho etnológico e antropológico tenham se aproximado de comunidades específicas (dentre elas grupos sociais racializados e/ou minorizados) para a realização de pesquisas de campo e projetos em parceria. Contudo, são sempre mencionados os entraves institucionais para uma atuação antirracista, que preveja não apenas a participação de sujeitos diversos em ações pontuais dos museus, mas integrantes do corpo funcional, de conselhos e da gestão do museu.

Diante das urgências cotidianas e do entendimento da potência dos museus enquanto ferramentas importantes para a conquista e a garantia de seus direitos, muitas comunidades, especialmente aquelas formadas por grupos sociais racializados e/ou minorizados, resolveram criar suas próprias instituições culturais e museológicas, se apropriar dos conceitos museológicos e contribuir com a construção de práticas e reflexões no eixo da museologia social. A partir de então, colocam-se no campo de disputa por narrativas e no debate sobre democratização cultural, reforçando a importância de não

apenas garantir o acesso democrático às instituições culturais externas a elas, especialmente aquelas mantidas com recursos públicos que devem representar toda a sociedade que as sustentam, mas também a necessidade de garantir meios para a sustentabilidade de processos museológicos e culturais próprios, construídos a partir de lógicas que dialogam ou não com as lógicas vigentes em instituições culturais de perfil tradicional.

Reforça-se, a partir desse contexto, a urgente necessidade: de descolonizar os museus, a museologia e o campo cultural, de modo integral; de reconhecer e compreender a legitimidade da existência de experiências patrimoniais contra-coloniais, que inclusive rejeitam o conceito de museu; de ampliar o acesso a repertórios decoloniais, caminhos possíveis para a ampliação da criticidade à lógica dualista e limitadora da modernidade (razão-emoção; popular-erudito/acadêmico; profano-sagrado etc.) e depredadora (de territórios, de comunidades, da natureza etc.) do capitalismo, e para a resistência e desconstrução de padrões, conceitos e perspectivas impostas aos grupos sociais racializados e/ou minorizados.

**MUSEUS E
ANTIRRACISMO:
PROPOSTAS E
RESULTADOS DAS
CONFLUÊNCIAS**





Nós já somos o outro
Mundo Possível”

Casé Angatu Xukuru Tupinambá,
2023

O Programa Sonhar o Mundo 2023 teve sob égide a responsabilidade de ofertar uma formação sobre Antirracismo em Museus para profissionais (equipes e gestores) de museus e processos museológicos. Nesta edição, o ciclo formativo objetivou instrumentalizar esses profissionais com a construção e o aprofundamento, a partir de suas realidades (geográficas, tipológicas, organizacionais etc.), de práticas antirracistas interseccionais nos processos e linguagens museológicas⁹.

As ações formativas ocorreram entre os meses de julho e outubro de 2023, nos formatos virtual e presencial, e foram mediadas pelas profissionais Suzy Santos e Carolina Rocha.

A primeira etapa foi o Seminário "Performances Museológicas para além da eloquência antirracista", dividido em três dias. A partir de uma abordagem teórico-conceitual, a proposta objetivou destacar profissionais, referências e iniciativas que concretizam a transformação social dos museus por meio de ações antirracistas cotidianas. Estas ações incluíram dinâmicas sociais, processos de afirmação identitária, pesquisas acadêmicas e ativismo político.

O evento, realizado virtualmente e posteriormente disponibilizado no canal do YouTube do SISEM-SP, alcançou um amplo e diversificado público em diferentes regiões do estado de São Paulo, permitindo também o acesso de outros estados

brasileiros e de um público internacional. Essa abrangência teve como objetivo o enriquecimento do debate sobre o antirracismo no contexto museal.

A primeira mesa virtual, "A racialização de sujeitos plurais: processos históricos, estruturas sociais e subjetividades", contou com a presença de Casé Angatu Xukuru Tupinambá¹⁰, Vanessa Marinho¹¹ e Bruno N. Hayashi¹². Os convidados compartilharam pesquisas e reflexões sobre estereótipos relacionados a preconceitos, racismo e xenofobia perpetuados historicamente por diversas instituições, incluindo museus. Destacaram a importância da desconstrução desses estereótipos e da construção de representações dignificadas de sujeitos e memórias plurais. A conferência instigou profissionais de museus a assumirem uma postura antirracista, ressaltando o papel dessas instituições na descolonização, diversificação e coloração de narrativas e produções museológicas, abrangendo todas as áreas técnicas e associando a história de grupos racializados¹³ à pós-colonização, pós-diáspora e pós-migração.

A segunda mesa, "Gestão Museológica e Direitos Humanos: Diversidade, Convivência e Respeito", contou com a presença de Solange Feliciano, que evidenciou a importância da composição de equipes e conselhos diversos, da composição de comitês de diversidade, do desenvolvimento de

9 - Gestão, Conservação, Pesquisa, Exposição, Comunicação, Educação etc.

10 - Indígena do Território Tupinambá em Olivença (Ilhéus/BA). Pós-Doutorado em Psicologia na UNESP/Assis, Doutor pela FAU/USP, Mestre pela PUC/SP e Historiador pela UNESP; Docente na UESC e no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da UFSB; Autor dos livros: "Nem Tudo Era Italiano"; "Identidades Urbanas e Globalização: constituição dos territórios em Guarulhos/SP".

11 - Mestre em História e Especialista em História e Cultura Afro Brasileira e em Gestão Cultural. Possui vasta experiência em museus nas áreas educativa e de pesquisa, documentação e acervos, atuando com os seguintes temas: relações raciais, cultura visual, mediação e arte-educação.

12 - Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Mestre pela Unicamp e pela Universidade de Nagoya. Pesquisa atualmente as representações sobre a imigração japonesa no Brasil com ênfase nas mudanças do lugar de japoneses e descendentes nas relações raciais brasileiras.

13 - Empreendedora social e conselheira administrativa da Ong Makers Code. Experiente em cargos de alta liderança voltados à projetos de ESG em empresas de diferentes portes, com foco no impacto social. Premiada no Women that Build Awards 2022 da Globant por ações de impacto social na área de tecnologia.

políticas afirmativas. Discutiu também o necessário investimento nos processos contínuos de formação e qualificação das equipes e gestores, em suas atividades técnicas e em letramentos diversos (étnico, racial, LGBTQIAPN+, PCD etc.), o que garante a qualidade, o reconhecimento e a manutenção da importância das instituições museológicas e culturais na contemporaneidade.

A terceira e última mesa do seminário, intitulada “Representação e representatividade em museus e espaços culturais”, teve como convidada Joseania Miranda Freitas¹⁴. O foco foi a área técnica essencial para o embasamento das demais áreas museológicas: pesquisa e gestão de acervos. A palestra evidenciou que a ampliação da representação e representatividade em museus e demais instituições só é possível “descortinando os acervos” e desconstruindo barreiras (materiais e semânticas), a partir do conhecimento profundo sobre o que se preserva, porque se preserva, como se preserva, a quem representa o que se preserva, o que não se preserva e o que se sabe sobre o acervo preservado.

As formações presenciais, intituladas “Possibilidades de Construções Antirracistas”, aconteceram em 8 encontros. Seu objetivo foi observar os diversos perfis e acervos museológicos das instituições-sede dos Polos Regionais SISEM-SP¹⁵, e ter como foco seus territórios, populações locais e referências patrimoniais a eles associadas. Partindo de realidades distintas, reais e específicas de cada

sede de polo, buscou-se tornar a discussão palpável e factível incentivando a criação e/ou ampliação de práticas a partir desses contextos.

Os encontros contaram com a participação de 78 pessoas, representando 37 iniciativas, sendo elas: 13 museus; 5 fundações culturais, 1 Organização Não Governamental, 7 Secretarias Municipais, 3 escolas/universidades, entre outros; além de estudantes, profissionais das áreas de educação, cultura e saúde interessados(as/es) na temática.

As visitas técnicas, realizadas em todos os museus, revelaram a necessidade de diálogos prévios sobre as causas do racismo antes da abordagem sobre acervos e sua difusão, apontando a necessidade da continuidade das ações formativas e o comprometimento dos gestores públicos e de espaços privados, como elementos essenciais para o avanço das práticas antirracistas em museus, além de evidenciar a importância de sensibilizar o público para discussões sensíveis sobre identidade, raça e racismo.

14 - Professora titular do curso de Museologia da UFBA. Pesquisadora do Museu Afro-BrasileiroUFBA. Autora de artigos nas áreas de memórias afrodiáspóricas e museologia, com ênfase em cultura material e estudo de coleções museológicas, principalmente arte decorativa numa perspectiva de descolonização dos saberes hegemônicos. Primeira coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia/PPGMuseu/UFBA (2013-2015).

15 - Polos SISEM-SP: Pinacoteca Municipal de São José do Rio Preto; Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka de Bastos e Museu Histórico e Pedagógico de Garça; Museu da Imagem e do Som José da Silva Bueno de Ribeirão Preto; Museu Major José Levy Sobrinho de Limeira; Museu Histórico Paulo Setúbal de Tatuí; Pinacoteca de São Bernardo do Campo; Museu do Folclore de São José dos Campos. Fonte: <https://www.sisemsp.org.br/acoes/conexoes/polos-regionais/>. Acesso: 20 nov. 23. Para saber quais são as macrorregiões que formaram os Polos SISEM-SP, consultar: <https://www.sisemsp.org.br/aberta-as-inscricoes-para-chamada-de-selecao-para-composicao-dos-polos-sisem-sp/>. Acesso: 20 nov. 23.



MUSEUS E RACISMO INSTITUCIONAL

O racismo é como um vírus que se manifesta em várias camadas e esferas da sociedade, com destaque para sua existência e persistência em instituições de diferentes perfis. Quando o corpo social o reconhece como uma ameaça, organiza formas de combatê-lo, por meio de denúncias, visibilidade e criação de aparatos jurídicos (remédios) que impeçam sua permanência e desenvolvimento. Contudo, quando se assume outras formas, e infiltra-se nas estruturas sociais, mantém-se velado, e o corpo social é ludibriado para não o reconhecer, embora uma observação mais apurada possibilite a identificação de processos de discriminação, hierarquização, sujeição e exclusão.

Em suas expressões sutis, influencia políticas, práticas e estruturas que perpetuam desigualdades com base na racialização e minorização de grupos sociais. A racialização se relaciona aos traços fenotípicos que os corpos carregam, agregado a comportamentos, costumes, gostos, marcas, acessórios e expressões. A minorização cria e dissemina a ideia de que são pessoas menores, de menos valia, com menos recursos, culturas e valores, cujas agruras sociais se justificam por seus comportamentos e que podem ser descartadas. Omite, contudo, que estas chamadas minorias são de fato uma maioria, que vem sendo silenciada, invisibilizada, ocultada, mas que possui um potencial criativo que não pode mais ser ignorado ou passar por apropriações, uma grande empatia e valores fundamentais, como solidariedade, coletividade e ancestralidade.

A estratégia de racialização e minorização destes sujeitos é também argumento para justificar sua ausência em instituições e lugares de prestígio

social e poder, como os museus. A sociedade brasileira foi ensinada para normalizar, ou seja, a considerar normal, a ausência ou invisibilização de pessoas pertencentes a grupos racializados e/ou minorizados em cargos, postos e como referências, paralelamente à criação de impeditivos para a sua ascensão social.

No caso dos museus, o impacto do racismo e da ausência de diversidade nas equipes técnicas e gestões reflete diretamente na estruturação de seus acervos, narrativas expográficas, comunicação institucional e abordagem educacional. Estes sujeitos estão presentes nestas instituições, contudo limitados a cargos de menor prestígio e salário, como as áreas de limpeza e segurança, e com condições de contratação geralmente mais precarizadas que outras pessoas que trabalham em museus.

Deste modo, cria-se um ambiente que reproduz a lógica racista presente na sociedade. Acostuma-se a ver corpos racializados em lugar de subalternidade e/ou inferiorizados, e reproduz-se nas ações museológicas a valorização de memórias, histórias, patrimônios e narrativas que não os representa ou os representa de forma estereotipada.

Como podem os museus ser antirracistas se permanecerem reproduzindo essa lógica?

Pessoas racializadas e/ou minorizadas têm em sua trajetória oportunidades igualitárias negadas no acesso à educação, emprego, serviços de saúde. Essas barreiras sistemáticas muitas vezes impedem-nas de acessar plenamente seus direitos constitucionais, como o direito à cultura¹⁶.

16 - Cap. III Seção II Artigo 215: "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais." in BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso: 20 nov. 23

Os desafios enfrentados para o acesso aos museus e espaços culturais são significativos e refletem essas desigualdades sistêmicas. Enquanto reflexos de políticas públicas, essas desigualdades restringem o envolvimento e participação de pessoas racializadas e/ou minorizadas por meio de barreiras físicas, que limitam financeira e qualitativamente o acesso a transportes de qualidade para espaços culturais, muitas vezes ausentes em diversas comunidades (HAMADA, 2022).

A estigmatização cultural que essas pessoas passam em razão da reprodução de estereótipos a elas associadas podem também levá-las à autolimitação no envolvimento e frequência a atividades culturais¹⁷ (ROCHA, 2016), o que reflete na falta de diversidade de públicos em exposições e programações que negligenciam um cenário cultural diverso e de extrema potência.

Esses desafios de acesso se refletem na linguagem e nas práticas cotidianas das instituições museológicas. Estereótipos racistas influenciam decisões de contratação, promoção e interações diárias no ambiente de trabalho. Políticas que perpetuam a segregação residencial, limitando o acesso a moradia de qualidade em determinadas áreas, contribuem para a formação de comunidades racialmente segregadas. Associadas à histórica falta de acesso a espaços culturais públicos¹⁸, denotam que o não-público não deve ser associado somente

àqueles que não frequentam museus, mas também àqueles chamados de colaboradores, que experienciam cotidianamente tais violências de forma direta e indireta.

A promoção do antirracismo institucional torna crucial o comprometimento ativo com a promoção da equidade e da justiça social. Isso implica na revisão crítica de políticas internas que regem as instituições, na promoção da diversidade e inclusão em todos os níveis hierárquicos, e na implementação de medidas afirmativas que busquem minimamente reparar as desigualdades históricas materializadas¹⁹ pelos museus.

Para que possam relacionar seus acervos com os diversos patrimônios presentes em seus territórios, com pessoas de diferentes origens e culturas, que são seus públicos potenciais, e criar maior proximidade cultural e representativa²⁰ os museus são convocados a conhecer as encruzilhadas museológicas que compõem seu contexto social, considerando a paisagem e seus elementos (água, terra, fogo e ar), os seres vivos que a habitam (animais e vegetais), as construções materiais (imóveis e móveis) e imateriais (culturas, hábitos, crenças) humanas e as dimensões sagradas e ancestrais. Tal mudança de perspectiva possibilita não apenas a ampliação e diversificação de seus públicos, mas também a transformação das políticas

17 - N. do A: A cultura não deve ser concebida unicamente vinculada a instituições e espaços públicos; pelo contrário, a cultura é construída diariamente nos diversos modos de vida cotidianos. Considerando-a como um direito constitucional, cabe ao Estado assegurar o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional. A ausência de políticas públicas apropriadas repercute diretamente na criação de espaços culturais alternativos.

19 - N. do A.: Os museus em sua origem (gabinetes de curiosidades) enquanto espaços de guarda da memória palpável dos patrimônios materializados, solidificaram a ordem absoluta de um mundo ocidental regido pela opressão, violência, apropriação, expropriação, exploração, alienação, escravidão, etc., de outros grupos (do outro que não se parece com o normativo a partir da perspectiva do opressor) com justificativas baseadas em distorções científicas (darwinismo social) e religiosas, e as nomearam, classificaram, valoraram e exporaram em suas versões reduzidas da tentativa de ter a dimensão dos olhos, o universo (até então desconhecido).

20 - Pesquisas apontam a baixa representatividade em museus. VOGUE, 2019. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2019/02/pesquisas-apontam-baixa-representatividade-em-museus.html>. Acesso: 20 nov. 23

institucionais para ações de gestão e técnicas: áreas-meio (administração, gestão de acervos - conservação e pesquisa e curadoria/exposição) e áreas-fim (comunicação, atendimento ao público e educativo).

Que a orientação técnica a seguir contribua com esse processo de reconstrução museológica!



ORIENTAÇÃO TÉCNICA



Não basta expor obras “decoloniais” (quais seriam os critérios e quem os definiria?) e diversificar o que é pendurado nas paredes, pois os programas institucionais que se declaram decoloniais são uma tentativa de sequestrar a teoria e a prática decoloniais para neutralizá-las. É preciso pensar no que ela define como “pós-museu”, uma nova instituição que se desprenda completamente das estruturas do colonialismo e do capitalismo financeiro em direção a uma “utopia emancipadora que despertaria sentidos, que deixaria sonho e imaginação voarem, e onde poderíamos nos entusiasmar com criações coletivas ou individuais, gestos e rituais que oferecem maneiras diferentes de apreender o mundo.”

Françoise Vergés

2022

Desenvolver um museu antirracista requer um comprometimento abrangente e a implementação de práticas que abordem aspectos atitudinais, institucionais, recursos humanos, técnicos, educativos, comunicacionais e expositivos, entre outros que podem se caracterizar de acordo com a tipologia da instituição. O antirracismo é um posicionamento permanente e diário que não pode ser encarado como uma tarefa pontual associada a efemérides.

A perversidade em registrar narrativas tendenciosas é uma característica marcante da história dos museus, tendo contribuído para omissões e representações inadequadas que contribuem com o etnocídio cultural. Quebrar com esse legado requer mais do que apenas a adoção de medidas isoladas, mas sim um compromisso incansável com a revisão crítica das práticas e a constante busca pela inclusão, diálogo e equidade.

Assumir uma postura antirracista exige, antes de tudo, nos assumirmos socialmente como racistas, compreendermos o desenvolvimento da construção da racialidade e seus impactos na sociedade brasileira, assim como qual lugar cada pessoa ocupa em uma relação social permeada pelo racismo.

Ser antirracista é, então, uma tomada de consciência!

Não se trata de uma postura apenas em ambiente de trabalho, se trata de uma mudança de postura em todos os aspectos da vida. Sendo assim, exige comprometimento e responsabilidades reais, mudanças de comportamento, atenção e ações contínuas.

Assim, as instruções mencionadas

neste documento têm a natureza singular de recomendações, que devem ser interpretadas com ponderação, definidas as prioridades e o desenvolvimento de temporalidades (curto, médio e longo prazo) para sua implementação de acordo com seus contextos específicos, comunidades, patrimônios e territórios.

Considerando...

Os museus podem [e devem]

INSTUCIONAL

Que há uma dívida histórica a ser sanada junto a grupos sociais racializados e/ou minorizados, cuja humanidade foi violada por processos colonizadores, patriarcais e racistas

Assumir o compromisso ético e a responsabilidade social de contribuir com a reparação histórica a grupos sociais racializados e/ou minorizados por meio de ações museológicas.

Que o racismo existe porque existem pessoas racistas.

Assumir-se como instituições criadas por pessoas físicas ou jurídicas, públicas e privadas, e geridas por seres humanos que, conscientes ou não, reproduzem o racismo herdado socialmente, com base em suas experiências de vida em outras relações e instituições.

Que museus são heranças coloniais racistas que devem se reconstruir com outras bases.

Observar criticamente o histórico institucional e processos de aquisição de acervos e identificar, em diálogo com trabalhadores(as) de seus diversos setores e perfis variados de público, como o racismo é operado na atualidade em seu contexto institucional, de modo a delinear métricas e objetivos palpáveis que se pretendem alcançar por meio de políticas institucionais e museológicas antirracistas, expressas em sua documentação institucional (Plano Museológico, Política de Gestão de Acervos, entre outras).

Que o racismo é um sistema complexo e perverso, que se expressa violentamente de diferentes maneiras: da violência física, mais explícita, às violências psíquica e emocional, mais veladas.

Expor um posicionamento institucional antirracista, com base na legislação vigente, e dar visibilidade às ações realizadas por suas equipes diversas, de modo a inibir (processo interno) e coibir (processo externo) o racismo em seu contexto.

Que o combate ao racismo é um dever de todas as pessoas.

Estimular suas instâncias gestoras (especialmente municipais), geralmente Secretarias de Cultura, a dialogarem com outras Secretarias, com o objetivo de construir políticas públicas intersetoriais reparatórias aos grupos sociais racializados e/ou minorizados do município; e promover ações reparatórias em todas as atividades técnicas de preservação patrimonial realizadas internamente pela instituição.

CUIDADOS

Que as equipes que atuam na linha de frente dos museus, em contato direto com os públicos, podem ser alvos ou presenciar ataques racistas.

Desenvolver cartilhas internas com protocolos a serem seguidos em caso de ataque racista em suas dependências (por parte do público ou por funcionários), que considerem a forma como a violência foi realizada (ataque verbal ou físico), sua identificação com base em uma classificação institucional de tipos de expressão do racismo, núcleos institucionais a serem acionados, instituições para denúncia e apoio institucional para impactos posteriores (efeitos psíquicos e emocionais).

Que discussões sobre racismo e antirracismo podem provocar a memorização de experiências traumáticas.

Promover ações museológicas (expositivas, comunicativas, educacionais etc.) que abordem o antirracismo de forma cuidadosa e respeitosa, considerando seus impactos na saúde mental e emocional de seus públicos, e com o apoio de profissionais com conhecimentos holísticos (que ultrapassam as barreiras disciplinares) e com amplo repertório sobre a temática.

Que o racismo é um problema social, ou seja, de todas as pessoas da sociedade, não apenas das pertencentes a grupos racializados e/ou minorizados.

Promover espaços para discussões e diálogos respeitosos sobre racialidade e antirracismo, a partir do entendimento de que cada pessoa tem um lugar de fala e entendimento sobre o tema, mas que o respeito deve prevalecer acima de tudo.

Considerando...

Os museus podem [e devem]

CONTEXTO SOCIAL

Que a classificação social do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é homogeneizante e não dá conta da diversidade brasileira.

Promover ações museológicas que historicizem as classificações da população brasileira pelo IBGE, expressas em dados censitários, e proporcionem diálogos sobre identidade, construção da racialidade e do racismo (religião, ciência, mídia etc.), leitura social dos traços fenotípicos e discriminações, conformação dos marcadores sociorraciais e culturais da diferença, miscigenação e noção de pertencimento, afirmação de corpos políticos, convivência e coexistência de diversidades com respeito mútuo.

A existência de dados demográficos e estatísticos desenvolvidos por órgãos públicos, instituições de pesquisa e organizações do terceiro setor.

Utilizar indicadores sociais atualizados existentes em seus territórios para referenciar a elaboração de ações e projetos museológicos, além de elaborar procedimentos que contribuam com seu rápido acesso por gestores e equipes museológicas (fixas ou de projetos pontuais).

A diversidade de grupos socioculturais presentes nos territórios ocupados pelas instituições museológicas.

Reconhecer, conhecer e se aproximar de grupos identitários e suas organizações socioculturais (aldeias, quilombos e demais organizações tradicionais e contemporâneas) e profissionais a eles vinculados que expressem a diversidade da população brasileira em seus territórios de atuação, especialmente os racializados e/ou minorizados, para a proposição e realização de ações em parceria (nada sobre nós sem nós).

Que discussões sobre racismo e antirracismo podem provocar a memorização de experiências traumáticas.

Considerar as diversidades intergrupos, não os homogeneizar e desenvolver ações de pesquisas sobre aqueles vinculados aos territórios e referências patrimoniais preservadas pela instituição, agregando-os de forma remunerada em seus processos museológicos, pontuais ou de médio e longo prazos.

Que muitas pessoas brasileiras possuem ancestrais indígenas e/ou africanos.

Contribuir com a identificação de etnias vinculadas às populações de seus territórios de atuação e/ou a seus acervos, demonstrando a diversidade dos povos indígenas e africanos e fornecendo a seus públicos (pertencentes a grupos sociais racializados e/ou minorizados ou não) ferramentas para que possam pesquisar suas próprias origens e genealogias, identificar etnias, seus costumes e tradições, se reconectar com suas ancestralidades e apoiar as causas indígenas e da negritude na contemporaneidade.

Considerando...

Os museus podem [e devem]

GESTÃO E PESSOAL

A ausência de pessoas pertencentes a grupos sociais racializados e/ou minorizados em cargos de gestão.

Promover ações afirmativas para a contratação de pessoas negras, indígenas e de outros grupos racializados e/ou minorizados em seus contextos sociais para cargos de direção e coordenação.

A importância de gestões representativas nos museus e a necessidade de existência de instâncias representativas da sociedade civil em processos de gestão participativa.

Compor conselhos administrativos e curatoriais com representação de diversos grupos sociais existentes na sociedade, com atenção aos grupos racializados e/ou minorizados, e atentos às discussões dos Conselhos Municipais de Cultura e às pautas culturais contemporâneas, incorporando-as às suas recomendações e deliberações.

As fragilidades das gestões das instituições culturais e museológicas brasileiras.

Aproveitar contextos políticos favoráveis para informar seus públicos por meio de métodos e linguagens diversas sobre seus direitos culturais e patrimoniais, formas de conhecimento e acesso a legislações vigentes relacionadas a estes campos, órgãos existentes para participação social, denúncias, compartilhamento de demandas e reivindicações de direitos.

Que as equipes da maior parte dos museus são reduzidas e homogêneas.

Desenvolver estratégias para a ampliação e diversificação de suas equipes, por meio de contratações permanentes ou temporárias (por projetos), incorporando sujeitos plurais em seu corpo funcional (pessoas negras - pretas e pardas, indígenas, mulheres, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIAPN+ e demais grupos sociais racializados e/ou minorizados).

As diferenças socioculturais e econômicas, assim como processos históricos de exclusão social das populações racializadas, especialmente negras e indígenas.

Oportunizar a contratação de profissionais negros (pretos e pardos), indígenas e demais grupos sociais racializados e/ou minorizados, considerando as diversidades presentes intragrupos sociais, agregadas à formação considerada necessária para a ocupação de determinados cargos, sem qualquer custo para a pessoa contratada.

Que pessoas pertencentes a grupos sociais racializados e/ou minorizados devem estar presentes em todos os núcleos técnicos de trabalho em museus e não apenas concentrado nos núcleos educativos.

Evitar a concentração de profissionais diversos em um só núcleo de trabalho, de modo que possam estar presentes e contribuir com a descolonização de todos os processos técnicos museológicos.

Que instituições museológicas costumam terceirizar ações de limpeza, manutenção e segurança, e que estes setores geralmente concentram em seu corpo funcional pessoas de origem afro-indígena em situações de trabalho mais precarizadas que as demais equipes.

Deve-se repensar a contratação de equipes terceirizadas e/ou conhecer as formas e condições de contratação destes(as) profissionais, de modo a manter a equidade entre os direitos trabalhistas de profissionais que atuam em suas dependências, e verificar suas condições de trabalho de profissionais, exigindo das empresas terceirizadas padrões mínimos de contratação, bem estar, garantia de direitos e respeito a seus funcionários(as).

Que fornecedores pontuais podem manter profissionais em condições de trabalho precarizada e situação análoga à escravidão.

Atentar para a contratação de fornecedores idôneos, que ofereçam condições de trabalho dignas para profissionais que atuam em toda a cadeia de produção.

PROCESSOS FORMATIVOS... OU MUDANÇAS DE MENTALIDADE

Que as formações realizadas pelas equipes técnicas dos museus nem sempre são acessadas pelas equipes terceirizadas.

Deve-se exigir das empresas terceirizadas a realização de processos formativos sobre temas considerados pertinentes e que impactarão seu relacionamento com os públicos, espaços e patrimônios museológicos, ou assumir a responsabilidade em realizá-los.

Que o debate racial é um tema amplo que permite abordagens diversas.

Organizar formações gerais sobre antirracismo, que abordem questões relacionadas às populações racializadas (histórico, dinâmicas socioculturais, processos migratórios etc.); formações contextuais, que envolvam questões relacionadas aos direitos culturais dos grupos sociais racializados e/ou minorizados existentes nos âmbitos institucional e territorial; e formações específicas, relacionadas a situações e métodos vinculados a núcleos e/ou áreas de trabalho (administração, financeira, gestão de acervos, pesquisa, comunicação, educação museal, manutenção, limpeza e segurança), considerando equipes técnicas, terceirizadas e gestores. No caso de museus municipais, recomenda-se seu desenvolvimento em parceria com instituições ligadas a outras Secretarias municipais (educação, saúde, assistência social etc.).

Que uma pessoa pode carregar em seu corpo diversos marcadores sociorraciais e culturais da diferença.

Realizar formações e ações antirracistas que considerem as interseccionalidades (raça, etnia, gênero, sexualidades, deficiências e neurodivergências etc.).

A notável ausência ou invisibilidade da representação de grupos sociais racializados e/ou minorizados nos museus, especialmente para as populações negras e indígenas.

Promover ações formativas obrigatórias sobre letramento racial e outros tipos de letramento (PCD, gênero, LGQTQIAPN+ etc.) para profissionais e gestores, considerando suas intersecções, e avaliar a possibilidade de participação de pessoas externas ao corpo funcional do museu (professores, educadores, guias turísticos, artistas etc.).

Que pessoas pertencentes a grupos sociais racializados e/ou minorizados podem pesquisar e falar sobre qualquer assunto.

Contratar pessoas pertencentes a grupos sociais racializados e/ou minorizados para formações e palestras sobre temas diversos, estando eles associados ou não à questão racial especificamente. Contudo, é importante sinalizar que o racismo é um sistema que está na base da sociedade brasileira. Deste modo, é importante que o antirracismo permeie as diversas atividades técnicas museológicas.

Que além da autopercepção das pessoas, seus corpos também são lidos socialmente.

Estimular processos de autodescrição, por meio de estratégias e linguagens diversas, para além das ações de acessibilidade, de modo a estimular as pessoas a perceberem seus próprios corpos, compreenderem seus traços e gostos estéticos.

ACERVOS E PESQUISAS

A organização da população negra brasileira desde os tempos coloniais por meio de grupos religiosos, profissionais e outros perfis de organização em prol de suas demandas sociais mais imediatas.

Considerar em suas pesquisas a forte presença das irmandades ligadas às igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito em diversos territórios, como indício inicial para a identificação das presenças negras; além de exemplares da imprensa negra e clubes sociais negros.

A importância do conhecimento dos públicos reais que frequentam as instituições museológicas e a importância da construção de indicadores.

Inserir questão para a identificação étnico-racial (questão obrigatória com base na classificação do IBGE e questão aberta optativa, para pessoas que não se sentirem contempladas pela classificação se expressarem) e territórios que habitam seus públicos nos formulários de inscrição de atividades e pesquisas de público, que possam contribuir com a projeção de atividades museológicas futuras voltadas a grupos específicos.

A necessidade de os museus conhecerem seus acervos e organizarem a sua gestão.

Organizar inventários com campos básicos para mapeamento e identificação de todo o seu acervo, de modo a formar coleções de acordo com os tipos de acervo existente e ter um panorama quanto às ausências de representação notadas, considerando seu contexto territorial e populacional, com atenção aos grupos sociais racializados e/ou minorizados. Com base nos dados coletados, elaborar uma política de gestão de acervos que contemple metodologias diversas de preservação patrimonial e abordagens interseccionais nas pesquisas sobre seus acervos, além de eixos específicos relacionados aos seus contextos e perfis populacionais.

Que museus historicamente invisibilizam, ignoram, emudecem e/ou fetichizam corpos, conhecimentos, referências patrimoniais e trabalhos de mulheres e grupos sociais racializados e/ou minorizados.

Adquirir acervos que preencham as lacunas representacionais observadas e ampliar a representação de grupos sociais racializados e/ou minorizados em suas ações museológicas, o que não deve ocorrer apenas em datas comemorativas (efemérides) a eles associadas.

A necessidade de os museus ampliarem seus acervos e as representações de grupos sociais racializados e/ou minorizados.

Desenvolver processos de inventário participativo, premiações, residências artísticas e campanhas para a coleta de acervos referentes e/ou relacionados às lacunas observadas, e identificação de referenciais patrimoniais no território que não necessariamente devem ser musealizados.

A importância de maior entendimento sobre as funções, sentidos e significados de cada item dos acervos museológicos.

Catalogar (descrição física) cada item do acervo com informações básicas que possibilitem a realização de pesquisas mais aprofundadas sobre eles.

Os diversos entendimentos sobre a relação com os objetos em diferentes culturas.

Incorporar representantes de grupos sociais vinculados aos objetos que preservam em seus processos curatoriais e nas pesquisas sobre cultura material institucionais, de modo a encarar as complexidades e o envolvimento de dimensões sagradas por parte de alguns grupos sociais (especialmente indígenas e negros), e evidenciar a dimensão imaterial intrínseca em suas expografias e textos curatoriais.

O potencial dos acervos museológicos em abordagens sobre cultura material e imaterial.

Realizar pesquisas profundas e interdisciplinares que possibilitem percepções múltiplas sobre seus acervos, considerando todos os sentidos sensoriais e os grupos sociais que se relacionam com essas referências patrimoniais (os produz, comercializa, utiliza, manuseia, reutiliza e/ou descarta), com atenção especial à representatividade de povos racializados e/ou minorizados, às suas presenças invisibilizadas nas entrelinhas das representações de outros grupos sociais, e à importância do desenvolvimento de curadorias coletivas e diversas, que considerem que os acervos museológicos e projetos curatoriais (atrelados a ações educativas, formativas e programações culturais) precisam ser acessados (acessibilidade física, cognitiva e atitudinal) por diferentes perfis de público.

A ausência de informações sobre artistas nos museus.

Revisar e ampliar os campos das fichas catalográficas institucionais, incorporando informações sobre o pertencimento étnico e racial de artistas, e posteriormente realizar um mapeamento representacional a partir dos dados sistematizados.

As barreiras simbólicas e o racismo estrutural e institucional e seus impactos nas políticas culturais.

Contribuir com a ampliação da visibilidade de personalidades e artistas pertencentes a grupos racializados e/ou minorizados dos territórios que ocupam e nos quais atuam.

O acervo de muitos museus possui signos associados a diversas vertentes do cristianismo.

Agregar a seus acervos referenciais religiosos e/ou espirituais dos diversos grupos sociais presentes no território, de modo a desnaturalizar a normalidade e normatividade das religiões cristãs e combater o racismo religioso, especialmente em relação às religiões de matriz africana.

Que acervos de museus que ocupam o mesmo território ou de mesma tipologia são similares.

Se organizar em redes temáticas de museus e instituições culturais e de ensino, participar e promover diálogos sobre indicadores populacionais, fontes, referências patrimoniais e bibliográficas com os quais trabalham, linhas de pesquisas patrimoniais que desenvolvem, grupos socioculturais, étnicos e raciais com os quais se relacionam etc., e realizar projetos em parceria.

Os limites, superficialidades, invisibilidades e preconceitos expressos na História Oficial.

Provocar reflexões sobre a pertinência dos signos generalistas e hegemônicos (bandeiras, hinos e brasões), o racismo neles expressos e a possibilidade de revisão; desenvolver projetos que valorizam histórias locais e de grupos racializados e/ou minorizados e que promovem noções de pertencimento importante e vínculos afetivos de seus moradores(as) com os museus.

Os calendários culturais de municípios e regiões.

Contribuir com a diversificação e promoção de festividades municipais e regionais ligadas a grupos sociais racializados e/ou minorizados.

A importância da oralidade para povos tradicionais: grupos sociais racializados e/ou minorizados.

Processos de História Oral com representantes de grupos e organizações socioculturais, educativas, esportivas, religiosas, etc., ligadas a populações racializadas, e realizar pesquisas sobre a importância da oralidade, sem negligenciar os letramentos presentes em seus símbolos e grafismos.

Considerando...

Os museus podem [e devem]

CURADORIAS (EXPOGRÁFICAS, EDUCACIONAIS E COMUNICACIONAIS)

Que as formações realizadas pelas equipes técnicas dos museus nem sempre são acessadas pelas equipes terceirizadas.

Contribuir com a demonstração de diversas formas de expressão do racismo, ferida aberta na sociedade brasileira, por meio das abordagens patrimoniais vinculadas a grupos sociais racializados e/ou minorizados, agregando em seus processos curatoriais representantes desses grupos, repertórios e linguagens múltiplas, amplo aparato referencial, bibliográfico e de experiências sociais, mediações e processos educativos sensíveis, acessíveis e estratégicos, de modo a alcançar um público heterogêneo e de diferentes faixas etárias.

A importância de atualização quanto ao uso de termos relacionados aos debates raciais e correlatos.

Se manterem atualizados acerca dos debates terminológicos, avaliar constantemente suas narrativas expográficas e comunicacionais e atualizá-las, informando ao público sobre a permanência de termos pejorativos em casos específicos (por exemplo, quando o próprio artista nomeou sua obra de arte) e se manterem abertos para uma escuta ativa, atenta e dialógica com seus públicos para compreender como são afetados pelas representações museológicas.

Que muitos museus recebem o nome de patronos vinculados consanguineamente a famílias colonizadoras e escravistas e suas continuidades históricas, e que também são doadores(as) de muitos acervos museológicos.

Expor as contradições e violências relacionadas às genealogias e memórias de seus patronos (figuras heroicas masculinas responsáveis por processos genocidas e etnocidas) e abrir processos de consulta pública a respeito da manutenção ou não de homenagens a estes personagens históricos, que geralmente seguem um padrão colonial hétero-cis-normativo.

A necessária visibilidade de figuras históricas diversas para a composição do panteão heroico nacional.

Elencar pessoas representativas de diferentes grupos sociais, étnicos e raciais para compor o panteão heroico nacional, considerando as realidades territoriais e populacionais locais, sem desconsiderar os já elencados heróis e heroínas nacionais.

A permanência da ausência ou representação estereotipada de grupos sociais racializados e/ou minorizados em muitos museus e instituições culturais.

Contribuir com a desnaturalização dos processos de invisibilização social e com a construção de políticas públicas municipais e estaduais intersetoriais que possibilitem o compartilhamento da responsabilidade representacional dignificada com diferentes instituições públicas (escolas, universidades, hospitais, departamentos e secretarias etc.), considerando ainda as percepções dos grupos sociais representados.

As referências museográficas e expográficas existentes na contemporaneidade e as possibilidades de interlocução com campos como o design, artes visuais etc.

Descolonizar expografias e promover exposições mais atrativas, criativas, didáticas (sem infantilizar o público) e lúdicas, com equipes curatoriais representativas de diferentes grupos sociais, especialmente os racializados e/ou minorizados, evidenciando a importância dos objetos museológicos como documentos históricos.

Que o conceito antropológico de democracia racial permanece vigente na sociedade brasileira.

Evidenciar a permanência de tensões sociorraciais existentes na sociedade brasileira, explícitas e veladas, identificando acervos que se relacionam com práticas racistas que as neutralizam e invisibilizam em seus territórios e elaborando processos curatoriais com abordagens críticas e pedagógicas a respeito.

A diversidade da população brasileira.

Promover a representação dignificada de todos os grupos sociais e tradições culturais presentes em seus territórios (no presente ou no passado) em suas exposições de longa duração, temporárias e itinerantes, especialmente as populações racializadas e negligenciadas historicamente pelas instituições culturais e educacionais, evidenciando as diversidades e a possibilidade de coexistência respeitosa.

Os limites espaciais das instituições museológicas e a impossibilidade de se representar a tudo e a todas as pessoas o tempo inteiro.

Realizar exposições temporárias e itinerantes aprofundando abordagens sobre seus acervos e evidenciando pesquisas interdisciplinares e interseccionais que descortinem seus “segredos”, conexões e sujeitos a eles associados, especialmente os grupos sociais racializados e/ou minorizados, e exposições em parceria ou apoio a exposições e/ou programações culturais de iniciativas que preservam e difundem patrimônios em seus territórios de atuação, especialmente aqueles periféricos e/ou periferizados.

Que pessoas de diferentes gerações têm noções diferenciadas sobre o racismo.

Promover processos de escuta, dialogar com diferentes grupos sociais e etários sobre racialidade e antirracismo, considerando em suas ações museológicas e educativas diferentes experiências, entendimentos, contextos e acessos e contribuir com o debate de forma crítica.

Que exposições, mediações, publicações e instituições museológicas podem apresentar termos pejorativos com relação a pessoas e/ou grupos sociais racializados e/ou minorizados e suas culturas.

Encarar termos racistas e/ou em desuso presentes em seus contextos e avaliar a necessidade de sua manutenção, desuso ou readequação (incorporar às narrativas expográficas textos críticos e explicativos).

Que termos como “popular” e “primitivo” na cultura brasileira foi utilizado de forma pejorativa para se referir a grupos racializados e/ou minorizados, em contraposição a termos como “erudito”, “clássico” e “culto”, ligados a grupos sociais elitizados e/ou favorecidos.

Demonstrar sem tabu e com abordagem antirracista os(as) “populares” de suas culturas, desmistificando o uso do termo e evidenciando suas identidades, majoritariamente afro-indígenas, e elementos em cada manifestação cultural (cultura popular, música popular, arte primitivista, entre outras), e os preconceitos atribuídos.

A existência de acervos museológicos representativos de “tipos populares” que reforçam marcadores sociorraciais da diferença.

Provocar processos reflexivos e críticos sobre as representações estereotipadas e depreciativas de pessoas pertencentes a grupos racializados e/ou minorizados em diálogo e com escuta a pesquisadores(as), mestres(as) de cultura, educadores(as), lideranças comunitárias etc., pertencentes aos mesmos grupos, e contribuir com a construção de contrapontos e representações dignificadas em suas exposições, publicações, materiais gráficos e educativos.

O racismo religioso presente na sociedade brasileira, que causa expressões de violência em diferentes níveis.

Informar pedagogicamente seus públicos por meio de curadorias criativas antirracistas para a leitura, interpretação e apreciação de acervos religiosos e/ou objetos e obras de arte que referenciam religiões de matriz africana e a espiritualidade indígena, explorando seus elementos (formas, sentidos, materialidades) e semelhança com outras matrizes religiosas e espirituais.

Que alguns vícios representacionais precisam ser analisados criticamente e revistos.

Atentar para não objetificar corpos de pessoas pertencentes a grupos sociais racializados e/ou minorizados, com foco em abordagens positivas sobre suas tradições culturais que reforçam estereótipos.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. O Perigo da História Única .Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 11, pp. 46- 59, jul./dez. 2014. ISSN: 2176-381X http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais/coord. Djamila Ribeiro).

ALEXANDRE, Maxwell [org.]. Pardo é Papel (Catálogo). Inclusartiz: Museu de Arte do Rio, nov.2019 - Mai.2020. <https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Cat%C3%A1logo-digital-Pardo-%C3%A9-Papel-1.pdf>

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural: Feminismos Plurais Coordenação Djamila Ribeiro. 1. ed. rev. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ANDRADE, Thanity Silva de. Processo curatorial de memórias negras: análise do catálogo da exposição temporária “Presença Negra em Bogotá: 1940-1960”. Salvador: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35870/1/2022%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Thanity%20Silva%20de%20Andrade-versao-para-repositorio-UFBA.pdf>

ARAÚJO, Raquel Oliveira de. “Mimimi ou racismo?”: os diferentes discursos acerca do caso Fabiane Jardim. Rio Grande do Norte, 2021. Revista Philologus, v.1 n. 81 Supl.

AVELAR, Thais Fernanda Alves. Espaços Museológicos: A Questão do Acesso pela Ótica das Identidades Culturais. 368 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

AUGEL, Moema Parente. “E agora falamos nós”: literatura feminina afro-brasileira. In: AFOLABI, Niyi, BARBOSA, Márcio e RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.). A mente afro-brasileira. Trenton-NJ / Asmara: África World Press, 2007.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Patrimônios indígenas nos 80 anos do Museu das Missões: etno-história e etnomuseologia aplicada à imaginária missional. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas, v. 14, p. 189-205, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222019000100189.

BERGER, Maurice. Os museus de arte são racistas? MASP Afterall, 2020. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-tX1yhilja7EbFIP0HWAj.pdf>

BORGES, Luiz Carlos. O Sulear, a museologia latino-americana e seus desafios na arena epistemológica e geopolítica. Revista Interdisciplinar Sulear. Belo Horizonte: EdUEMG, ano 2, n. 2, setembro, 2019. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wpcontent/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SURear.pdf>.

BRosane. Gênero, Raça, Visibilidade e Poder. ARTE! Brasileiros. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V0R8g0O_uCo&t=338s.

BRAGA, Carol. Arte indígena contemporânea: artistas exaltam ancestralidade e resistência. Culturadoria, 2021.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Ana Paula F. de . Retratação, memória e justiça. In: Fundação Pró-Memória de Indaiatuba. (Org.). DEBATES CONTEMPORÂNEOS DO CAMPO PATRIMONIAL. 1ed.Indaiatuba: Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 2020, v. 01, p. 70-87.

BRITTO, Clovis Carvalho; AGUIAR, Fernando José Ferreira; AGUIAR, Janaina Couto Teixeira Maia de. Encruzilhadas museológicas: ressonâncias da presença/ausência de Exu no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 27, p. 1-29, 2019.

BRITTO, Clovis Carvalho. Coleções, museus e patrimônios das culturas negras. Mosaico (Goiânia) , v. 9, p. 167-170, 2016.

BULHÕES, Girlene Chagas. As louças de vovó, o prato do garimpeiro, a altura dos olhos e nuvens; abelhas, formigas, seleção e seletividade; patrimônio, fratrímônio, a casa da princesa do Seu Tição e o Museu do Djhair; a cabeça da medusa, árvores, rizomas, afetos, afetividades e bem viver; coleções, acervos, musgo e outras performances museais. Revista Ventilando Acervos, Museu Victor Meirelles/IBRAM, v. 4, dez. 2016.

CAMPOS, CARMEN LUCIA. A cor do preconceito. São Paulo: Ática, 2006.

CAMPOS, Marcio D'Olne. SULEar vs NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia. Série Documenta, v. 8, n.8, p. 41-70, 1999. Disponível em: <https://www.sulear.com.br/texto03.pdf>. Acesso: 20 nov. 23

CARNEIRO, Aparecida Sueli Aparecida. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A mulher negra brasileira na década da mulher. São Paulo: Nobel, 1985.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: Editora Letramento, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Edison. A sabedoria popular. São Paulo: WMF Martins, 3ª ed. 2008.

CASTRO, Mauricio B. de; SANTOS, Myrian S. dos. Abdias do Nascimento e o Museu de Arte Negra. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 3, p.174-189, set. 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4235> . DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v3i3.4235>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília: CFP, 2017. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf

CUNHA, Marcelo Bernardo da. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 5, p. 78-88, 2017. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/678_REVISTA+DO+CENTRO+DE+PESQUISA+E+FORMACAO+N05+ISSN+24482773.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Marcelo Bernardo da; FREITAS, Joseania M. Reflexões sobre a exposição temporária do MAFRO/UFBA - Exu: outras faces. *Museologia e Patrimônio*, v. 7, p. 191-206-206, 2014.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra e o modernismo brasileiro*. Campinas-SP: Pontes, 1988.

CUNHA PAZ, Francisco Phelipe. *Na casa de Ajalá: comunidades negras, patrimônio e memória contracolonial no Cais do Valongo – a “Pequena África”*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – UnB, 2019.

DANTAS, Guiomar; PEREIRA, Viviane (org.). *Mulheres que fazem São Paulo: a força feminina na construção metrópole*. São Paulo: Celebris, 2004.

DE SOUZA BARBOSA, Lucas. Um patrimônio do medo branco: histórias e representações no pavilhão anexo Lucas da Feira Museu casa do sertão/uefs. *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 52–62, 2022. DOI: 10.29327/269579.5.1-8. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/4997>.

DE SOUZA BARBOSA, Lucas. Um pensamento social do rap: A política decolonial do conhecimento na cultura hip-hop em contexto de genocídio antinegro. *Revista abehache*, [S. l.], n. 19, p. 128–137, 2021. Disponível em: <https://revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/article/view/370>.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; GLICK, Thomas (org.). *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 192 pp.

DUARTE, Eduardo de Assis. Na cartografia do romance afro-brasileiro, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. In ROCHA, Enilce Albergaria et alii (Orgs.) *Culturas e diásporas africanas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. Republicado em TORNQUIST, Carmen Suzana et alii (Orgs.) *Leituras da resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

ESCOBAR, Giane Vargas; VARINE, Hugues de. Patrimônio Comunitário e Novos Museus: A Face Afro-Brasileira da Museologia Comunitária. In: IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, 2012, Belém. Atas do IV EIEMC. Belém: Ecomuseu da Amazônia, 2012.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Editora ULISSEIA limitada, Lisboa.1961.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Joseania Miranda. *Escravidão: tema tabu para os museus de arte decorativa*. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 20, n.44, p.56-76, se./dez. 2019.

FREITAS, Joseania Miranda. *Museu do Ilê Aiyê: um espaço de memória e etnicidade*. 1996. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FREITAS, Joseania Miranda; MOTA, Ritta Maria C. *Descolonizando o Olhar em Arte Decortiva: estudo da louça do cemitério Nosso Senhor dos Aflitos em Nazaré, Bahia, Brasil*. *Revista do Programa de Pós-Graduação de Ciência da Informação da Universidade de Brasília*, 2019.

FREITAS, Joseania Miranda; BAETA, Livia Maria; FERREIRA, Luzia Gome. *Ações afirmativas de caráter museológico no Museu Afro-Brasileiro/UFBA*. *Musas (IPHAN)*, Rio de Janeiro, v. 02, p. 116-126, 2006.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, Joseania Miranda; NASCIMENTO Bernardo da Cunha, Marcelo. Memórias afro-diaspóricas em diferentes territórios caribenhos e latino-americanos nas perspectivas de Manuel Raimundo Querino e Manuel Zapata Olivella. *Revista Brasileira do Caribe*. 2015, 16(31), 245-262

FERREIRA, Luzia Gomes. As grafias de mulheres negras como construtoras de narrativas imagéticas das memórias afrodiáspóricas. *Revista Memórias LGBT*, v. 07, p. 28-34, 2020.

FERREIRA, Luzia Gomes. Classificações instáveis e permeáveis: Cultura material africana nos museus. *Revista Brasileira do Caribe (Impresso)*, v. XI, p. 99-99, 2011.

FERREIRA, Luzia Gomes; CASTRO, J. O xirê da leitura: mulheres negras grafando memórias em letras de poesia - como um espaço de fala, escuta e cura. *Jangada: Literatura, Artes*, v. 2, p. 188-201, 2020.

FILHO, Durval de Lara. Modos do museu: entre a arte e seus públicos. 223 f. Doutorado (Tese) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2013.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-23082013-111500/publico/DurvalLaraFilhoCorrigida.pdf>

FILHO, Heitor dos Prazeres; LIRIO, Alba. Heitor dos Prazeres sua arte e seu tempo. Rio de Janeiro: Editora ND Comunicação, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Visibilidade e ocultação da diferença. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FONTES, Paulo. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008. 436p.

GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Enciclopédia Negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., 2021.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1ª ed. 2020.

GUIMARÃES, Antonio S. A. Resistência e revolta nos anos 1960: Abdias do Nascimento. *Revista USP*, n. 68, p. 156-167, dez.-fev. 2005/6.

HAMADA, Heloise. Moradores da periferia de SP apontam dificuldade de acesso aos equipamentos públicos de cultura. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/moradores-da-periferia-de-sp-apontam-dificuldade-de-acesso-aos-equipamentos-publicos-de-cultura/> Acesso: 20 nov. 23

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês*. São Paulo, Queiroz Editor, 1987.

HAYASHI, Bruno N. Metamorfoses do Amarelo: a imigração japonesa - do perigo amarelo à democracia racial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (online)*, v. 37, p. 1-18, 2022.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IBRAM. Museu, memória e cultura afro-brasileira. Maristela dos Santos Simão (pesq.). Brasília, DF: IBRAM, 2018. – (Caminhos da Memória)
<https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Online-Museu-memoria-culturaafro-v9c.pdf>

JAREMTCHUK, Dária. Abdias do Nascimento nos Estados Unidos: um “pintor de arte negra”. *Estudos Avançados*, n. 32, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *O diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. 1ª ed. 2019.

KONARÉ, Alpha Oumar. *Substitutes de masques et statuettes ou Mali*. In: SOFKA, Vinos (Ed.). *Originals and Substitutes in Museums*. ICOFOM Study Series 8, Stockholm: ICOFOM, p.57-60, 1985a.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. Companhia das Letras; 1ª ed., 2022.

LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade São Paulo*, Editora Unesp, 2015.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo, Editora Unesp, 2001.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. "Condenado pela raça, absolvido pela medicina": o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: CHOR MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo Ventura (eds.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; CCBB, 1996. p.23-40

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOTIERZO, Tatiana Helena Pinto. *Contornos do (in)visível: A redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último Oitocentos*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-18122013-134956.

LUNA, Gloria A. G.; FLORES, Maria B. R.; Melo, Sabrina F. *Arte Indígena Contemporânea Decolonialidade e ReAntropofagia: Contemporary Indian Art Decoloniality and Reanthropogagy*. *Revista Farol*, 17(25), 2022. <https://doi.org/10.47456/rf.vi25.35982>

MACHADO, Janaína M. *O axé crítico radiográfico*. In: AYEDUN, Igi Lola. *Sidney Amaral: Manifesto de cognição y memória*. Almeida & Dale Galeria de Arte; HOA Galeria, p.21-31, 2022. https://almeidaedale.com.br/assets/pdfs/publicacoes/Sidney_Amaral.pdf

MACHADO, Janaína M. *Radiografias Epistêmicas: Poéticas políticas negras na Bienal de São Paulo*. Salvador: Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos), UFBA, 2023.

MAIO, Marcos C. *O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, n. 41, p. 141-158, 1999.

MARINHO, Vanessa A. *A beleza Negra que Olorum criou: Estética e Identidade Negra no Recife*. *Mestrado em História*, 2013.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARINHO, Vanessa A. Militância Negra e Expressão Estética no Recife (1980 - 2003). *Mnemosine Revista* (Programa de Pós Graduação em História - PPGH / Universidade Federal de Campina Grande - UFCG) , v. 2, p. 101 n^o1-114, 2012.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro v. 23, n. 1, p. 171-209, jun., 2001.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MENEZES, Shirley. A. R. A Mulher Preta com Deficiência: impactos da intersecção. *Organicom*, [S. l.], v. 20, n. 41, p. 105-119, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.207522. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/207522>.

MENNUCCI, Sud. O precursor do abolicionismo no Brasil: Luiz Gama. *Coleção Brasileira*, vol. 119. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

MERLO, Hugo R. A mestiçagem como conceito histórico: Uma descrição teórica. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 100–119, 2023. DOI: 10.5216/rth.v26i1.74687. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/74687>.

MESTRE Didi. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21953/mestre-didi>. Acesso em: 22 de novembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia.

MIGNOLO, Walter. *Museus no horizonte colonial da modernidade garimpando o museu* (1992) de Fred Wilson. In: *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 7, n. 13, p. 309-324, jan./jun. 2018. https://monoskop.org/images/2/23/Mignolo_Walter_2011_2018_Museus_no_horizonte_colonial_da_modernidade_garimpando_o_museu_1992_de_Fred_Wilson.pdf

MIKI, Bianca Sayuri. *Os inassimiláveis* Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universitária Católica, Rio de Janeiro, 2015.

MOHAN, Megha. Síndrome do Impostor Racial: o choque entre a forma como você se vê e o jeito como te enxergam. BBC, 2021.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. *Issuu*, 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi

MORAES WICHERS, Camila A. *Museologia, feminismos e suas ondas de renovação*. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 7, p. 138-154, 2018.

MORAES WICHERS, Camila A. *Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas*. *Revista de Arqueologia*, v. 30, p. 35-50, 2017.

MOREL, M. *Cinco imagens e múltiplos olhares: 'descobertas' sobre os índios do Brasil e a fotografia do século XIX*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 8, p. 1039- 1058, 2001.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Trad. de Manuel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOTOYAMA, Shozo & OKUBARO, Jorge. *Do conflito à integração* São Paulo, São Paulo, 2016.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA. Declaração MINOM Rio 2013. In: CHAGAS, ASSUNÇÃO; GLAS. Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41 - Museologia Social.

MUNANGA, Kabengele. Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos. In: Josildeth Gomes Consorte & Mareia Regina da Cosa. Religião, Política, Identidade. São Paulo, série Cadernos PUC, EDUC, 1988, p. 143-147.

MUNANGA, Kabengele. Negritude usos e sentidos. Coleção Cultura Negra e Identidades. Autêntica. Belo Horizonte, 2009.

Museu de Arte Negra de Abdias Nascimento em INHOTIM | Arte1 Em Movimento. Canal Arte 1, 2 jan. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F2Oc0GvsUFc>

NASCIMENTO, Andrielle; MARINHO FERNANDES DA SILVA, Luciana. (2021). Impactos do Racismo na Saúde Mental da população negra brasileira. Revista Psicoatualidades, 1(1), 44-53. <https://periodicosfacesf.com.br/index.php/Psicoatualidades/article/view/271>

NASCIMENTO, Abdias do. A Arte Negra. Museu voltado para o futuro. Galeria de arte moderna (GAM), Rio de Janeiro, n. 15, p.44-45, 1968(b).

NASCIMENTO, Abdias do. Cultura e estética no Museu de Arte Negra. Galeria de arte moderna (GAM), Rio de Janeiro, n. 14, p.21-22, 1968(a).

NASCIMENTO, Maria Beatriz do. Negro e racismo. Revista de Cultura Vozes. 68 (7), p. 65-68, 1974.

NASCIMENTO, Maria Beatriz do. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Afrodiáspora, n.º. 6-7, pp. 41-49, 1985

NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Elisa L. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NEVES, Thadeu F. das N., A arte indígena contemporânea de Jaider Esbell e o seu contraponto à indústria cultural. Ambiente: Gestão e Desenvolvimento, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 103-111, 2020.

NUCCI, Priscila. Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil Dissertação (Mestrado em História – Universidade Estadual de Campinas), Campinas, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p.28-47.

OLIVEIRA, Vânia D. E. de. (2012). A patrimonialização da memória da cultura popular brasileira no Museu de Folclore Edison Carneiro. Museologia & Interdisciplinaridade, 1(1), 135-164.

OLIVEIRA, Vânia D. E. de. Museu de Folclore Edison Carneiro: poder, resistência e tensões na construção da memória da cultura popular brasileira. 2011. 247 f. Tese (Doutorado em Memória Social) -Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PANTOJA, Silvia R. de S. Mulheres negras visualizadas e ignoradas: uma análise de narrativas expográficas no Museu de Arte de Belém (MABE). Salvador: Dissertação (mestrado) -

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36463/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20SilviaPantoja.pdf>

PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André. Histórias Afro-Atlânticas. Volume 2. Antologia. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake; Masp, 2018, 624p.

PEDROSA, Adriano; HERÁCLITO, Ayrson; MENEZES, Menezes; SCHWARCZ, Lilia M.; TOLEDO, Tomás (Curadoria e textos). Histórias Afro-Atlânticas. Volume 1. Catálogo. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake; Masp, 2018, 416p.

PEREIRA, Jeferson R., SANTOS, José V. P. dos; OLETO, Alice de F. "Eu respeito seu amém, você respeita meu axé?": um estudo etnográfico sobre terreiros de candomblé como organizações de resistência à luz de um olhar decolonial. Cadernos EBAPE.BR, 21(4), 2023. <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/88474>

PINTO, Márcia C.C.; FERREIRA, Ricardo F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011

POTÊNCIAS Negras: Yhuri Cruz. [Entrevista cedida ao canal] Muro Pequeno, 2019. (22 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EU7_iGGJ1o4.

PRICE, Sally. Arte primitiva em centros civilizados. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, 2005. p. 227-278.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. 4 ed., atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

REIS, Miguel Lucio dos. Louvor ao embranquecimento? Uma análise da pintura A Redenção de Cam (1895) por suas historicidades. 2022. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.31>.

RIEDL, Titus B. De índios, crânios e seus 'coleccionadores': dados sobre o exotismo e a trajetória da antropologia, no Brasil do século XIX. Revista de Ciências Sociais, v. 27, n. 1/2, 1996.

RIBEIRO, Luciana dos Santos. Modernismos africanos nas Bienais de Artes de São Paulo (1951-1961). São Paulo: Dissertação (Mestrado em Estudios Avanzados en Historia del Arte), UNIFESP, 2019.

ROCHA, Julia. FAVOR (NÃO) ENTRAR! IMPEDIMENTOS NO ACESSO AOS MUSEUS. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 48-65, 2016. DOI: 10.5965/198431781122015048. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/7336> Acesso: 20 nov. 23

ROQUE, Maria Isabel. Descolonizar o museu: exposição e mediação dos espólios africanos em museus europeus. Revista Lusófona de Estudos Culturais. vol.7, n. 2, p. 53-71. 2020. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/3110>

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Mórula, 2019.

SALUM, Marta Heloisa Leuba; CERAVOLO, Suely Moraes. Considerações sobre o perfil da coleção africana e afro-brasileira no MAE-USP. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, S. Paulo, 3: 167-185, 1993.

SANTOS, Antônio Bispo dos, "Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos", Indisciplinar, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 52-69, 2020. DOI: 10.35699/2525-3263.2020.26241. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26241>

SANTOS, Antonio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. Ubu Editora; 1ª ed, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo, "Somos da terra". PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, 2020, p. 44 - 51.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos [Casé Angatu Xukuru Tupinambá]. Nem Tudo Era Italiano - São Paulo e pobreza (1890-1915) - 4. ed. São Paulo: Annablume Fapesp, 2017. v. 1. 196p .

SANTOS, Carlos José Ferreira dos [Casé Angatu Xukuru Tupinambá]. Várzea do Carmo: Lavadeiras, Caipiras e ' Pretos Véios'. Memória Energia , São Paulo, v. 1, n.28, p. 74-96, 2001.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos [Casé Angatu Xukuru Tupinambá]; PESTANA, Aretha Blay . Raça, cultura e etnia: do boneco de barro à grande obra. In: Gerson Gonçalves da Silva; Bas'Ille Malomalo. (Org.). Às margens do Atlântico Sul: Reflexões Negras. 01ed.São Paulo: Factash Editora, 2010, v. 01, p. 05-188.

SANTOS, Myrian S. Representations of Black People in Brazilian Museums. In: Museum and Society, vol. 3, n. 1, p. 51-65, 2005.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas. Tese (Doutorado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016. Disponível em: Acesso em: 02 fev. 2020

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. Rapunzel: a arte contemporânea como tratamento cosmético/estético a partir das performances de Juliana dos Santos e de Priscila Rezende. Publicado na Revista Estúdio. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/29955/2/ULFBA_E_v8_iss20_p20-29.pdf

SANTOS, Rita. Sobre crânios, idiomas e artefatos indígenas: o colecionismo e a História Natural na viagem de Johann Natterer ao Brasil. Soc. e Cult., v. 21, n. 1, p. 10-26, jan./jun. 2018.

SANTOS, Sergio C. dos, Kabengele, Daniela do C., & Monteiro, Lorena M. (2022). Necropolítica e crítica interseccional ao capacitismo: um estudo comparativo da convenção dos direitos das pessoas com deficiência e do estatuto das pessoas com deficiência. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, 1(81), 158-170. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i81p158-170>

SANTOS, Suzy S. Ecomuseus e Museus Comunitários: estudo das possibilidades de participação e democracia. In: III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus, 2014, Tupã. Museus

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Indígenas: Saberes e Ética, Novos Paradigmas em Debate. São Paulo, Brodowski, Tupã: Marília Xavier Cury, 2014. v. 1.

SANTOS, Suzy da Silva. Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas. 2017. 724f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-13122017-091321/pt-br.php>. Acesso: 20 nov. 23.

SANTOS, Suzy S. Museus indígenas e a construção de museologias afirmativas. In: VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais, 2020, Tupã. Museus Etnográficos e Indígenas: aprofundando questões, reformulando ações, 2017.

SANTOS, Suzy S.; SILVA, Roseane M. Diálogos entre a Capoeira e a Museologia Social. Cadernos de Sociomuseologia. Lisboa: ULHT, v.55, n.12, 2018. p.73-88.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Muniz. O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p., 1983.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de et al. Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional: fontes para a história da eugenia no Brasil. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set. 2009, p.763-777. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Tkb8wwF9cFRTBC3wRzj3QBJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 20 nov. 23.

SANTOS, Suzenilson S.; FRANCO, Robert K. G. . A práxis interdisciplinar do museu indígena kanindé na formação da consciência étnica. In: SILVA FILHO, Antônio V. da, et. al. (org.). A práxis interdisciplinar do museu indígena kanindé na formação da consciência étnica. I Ved. Rio de Janeiro.: Autografia Editora e Comunicação, 2020.

SANTOS, Suzenilson S. Museu Kanindé: Ferramenta de Formação Interdisciplinar entre Índios no Ceará. In: IV Seminário Brasileiro de Museologia - SEBRAMUS, 2019, Brasília. 4 SEBRAMUS ? Seminário Brasileiro de Museologia: Caderno de Resumos. Brasília, 2019. p. 145-146.

SANTOS, Yuri Tomaz dos. Raça, racialidade e racismo: A resignificação etmológica de uma pseudo-sociologia e a reverberação do espetáculo racial no contexto brasileiro. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 10, Vol. 02, pp. 78-95. Outubro de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicacao/raca-racialidade>. Acesso: 20 nov. 23.

SASAKI, Elisa. “Nihonjinron – teorias da japonicidade”. Estudos Japoneses, 31: 11-25, 2011.

SELA, Eneida M. M. Modos de ser, modos de ver. São Paulo: Editora Unicamp, 1ª edição, 2009.

SEYFERTH, Giralda. “Assimilação dos imigrantes no Brasil”. In: Anais do XXIV Encontro anual da ANPOCS, Petrópolis, 2000.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SILVA, Joana A. F. Mulheres negras e museus de Salvador: Diálogo em branco e preto. 1. ed. Salvador: Joana Flores, 2018. v. 3000. 151p.
- VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo. Salvador, Editora Corrupio, 2002.
- SILVA, Joana A. F. Não me olhe como vê: o não lugar das memórias, narrativas e trajetórias das mulheres negras nos museus de Salvador. Cadernos de Sociomuseologia, v. 53, p. 189-208, 2017.
- SKIDMORE, Thomás. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 1 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. "O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930". São Paulo. Cia das Letras, 1993.
- SKIN [documentário]. Direção: Daniel Etim Effiong. Be Naya Productions. Nigéria, 2018.
- SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- STANISLAS, Adotevi. Le musée inversion de la vie. (Le musée dans les systèmes éducatifs et culturels contemporains). (1971) In : DESVALLEES, André ; DE BARRY, Marie Odile & WASSERMAN, Françoise (coord.). Vagues: une antologie de la Nouvelle Muséologie. vol. 1. Collection Museologia, Savigny-le-Temple : Éditions W-M.N.E.S., 1992. pp. 119-123.
- TAKEUCHI, Márcia. O perigo amarelo São Paulo, Humanitas, FAPESP, 2008.
- TEIXEIRA, Carolina R.; PINHEIRO, Marina S. Enegrecendo os processos museais: processos epistêmicos contra-coloniais nas linguagens museológicas. Anais XI Artefatos da Cultura Negra. Ceará, 2020.
- TELLES, E. Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2003.
- TUNGA. Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra (MAN). Pensar africanamente, 7 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQvDOrD-07c>
- TUPINAMBÁ. Casé Angatu Xukuru. Sonhar o Mundo 2023: Seminário virtual "Performances museológicas para além da eloquência antirracista". Youtube, 17 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4jggPgJTLQg> . Acesso: 20 nov. 2023.
- WERNECK, Jurema. Racismo Institucional e Saúde da População Negra. Saúde Soc São Paulo, v25, n.3, p.535-549, 2016;
- ALMEIDA VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0101, jan./abr. 2020. <https://www.redalyc.org/journal/3381/338163000003/338163000003.pdf>
- VERGÉS, Françoise. Descolonizar o museu: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- VIEIRA, Marina. Modernismo primitivista: as influências de coleções etnográficas e zoológicos humanos sobre a estética expressionista. Revista Mundaú, v. 3, p. 12, 2018.
- VIEIRA, Marina. Figurações Primitivistas: Trânsitos do Exótico entre Museus, Cinema e Zoológicos Humanos. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UERJ, Rio de Janeiro, 2019.
- VIEIRA, Marina. A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a exibição de índios

SUGESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, n. 53, p. 317-357, 2019.

VIEIRA DO NASCIMENTO, Marcelle. (2021). O desafio da representatividade negra nos museus. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 10(20), 122-128. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/33996>.

LEGISLAÇÃO

Constituição da República Federativa do Brasil (1988) - Artigos 3º- Objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil; 5º - Igualdade perante a Lei; 215º - Direito Cultural, acesso a fontes da cultura nacional, apoio e incentivo à valorização e difusão das manifestações culturais.

Lei nº 7.716, de 05/01/1989 - Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

Leis nº 10.639, de 09/01/2003; e 11.645, de 10/03/2008 - estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", e dá outras providências;

Lei Nº 12.288/10 - institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Lei nº 13.796, de 03/01/2019 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para fixar, em virtude de escusa de consciência, prestações alternativas à aplicação de provas e à frequência a aulas realizadas em dia de guarda religiosa.

Lei nº 11.904, de 14/01/2009 - Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

Lei 14.532, de 2023, que tipifica como crime de racismo a injúria racial, com a pena aumentada de um a três anos para de dois a cinco anos de reclusão.



